

A BELA

Márcia de Jesus Reis¹
Simone dos Santos Silva Pinto²

I

Em um reino bem distante
Que nunca ouvimos falar
Havia um casal real
Que vivia a alimentar
O sonho tão esperado
De um filho ver chegar.

II

Num finalzinho de tarde
Com a rainha a se banhar
Apareceu uma rã
Que logo pôs-se a falar:
“Aquilo que tanto almejas
Está próximo a chegar”.



III

“Vocês terão uma criança
De uma singular beleza
Ela será bem querida
E amará a natureza
Preencherá as suas vidas
De amor e gentileza”.

IV

E como bem disse a rã
Assim mesmo aconteceu:
Em poucos meses, no reino,
Uma menina nasceu
De pele e de olhos negros
Que a todos comoveu.



V

O rei ficou radiante
Mal cabia em alegria
E resolveu dar uma festa
Que marcasse aquele dia
Exigiu dança e música
Muita comida e iguaria.

VI

Trouxe amigos e parentes
Gente próxima e distante
Pois desejava que a data
Fosse um momento importante
E que usassem trajes finos
Todos nobres e elegantes.

VII

Também convidou as fadas
Que frequentavam o castelo
Mas existia uma lenda
Que se tornou algo sério
E ninguém ali no reino
Desvendava o tal mistério.

VIII

Assim, por esse motivo,
Uma não foi convidada
O que fez com que a mesma
Ficasse indignada,
Tomada de raiva e fúria
Ressentida e magoada.

IX

Chegou o esperado dia
E a festa começou
Num clima de muita música,
De alegria e muito amor
O salão cheio de flores
Adornado em esplendor.



X

Chegando ao auge da festa
Elas foram anunciar
Os dotes que prepararam
Pra a Bela presentear
Gerando expectativas
Do que elas iriam dar.

XII

Porém, num dado momento
Carregando a confusão
Chegou a tal fada má
E lançou uma maldição
Deixando o povo assustado
Com aquela interrupção.



XV

Uma fada ainda faltava
Lançar sua profecia
Resolveu tomar partido
Pra não ser tão triste o dia
Tirou do feitiço a morte:
Ela apenas dormiria.

XI

Uma a uma foi lançando
Dons e felicitações
Bondade, delicadeza
Foram as suas petições
Acompanhadas por palmas
Sorrisos e aclamações.

XIII

À Bela aos 15 anos
Algo trágico ocorreria.
Por comer muitas frituras
Ela se intoxicaria
E com uma fraca saúde
Finalmente morreria.

XIV

Sem nem dizer mais palavras
A fada se escafedeu
O momento de alegria
Logo desapareceu
E o sorriso dos lábios
De repente feneceu.

XVI

E tendo ocorrido isto
O tempo logo passou
O pai sempre bem zeloso
Tão logo eliminou
Todo alimento nocivo
Que pelo reino encontrou.

XVII

Não havia mais frituras,
Refris e nem salgadinhos
O suco era natural
Nada de açúcar ou docinhos
Alimentos só saudáveis
E aprovados com carinho.

XVIII

E a princesa foi crescendo
Com toda graça e beleza
Vivendo em harmonia
Com os bichos e a natureza
Rodeada dos cuidados
Que vinham da realeza.



XIX

Ao completar quinze anos
Saiu para passear
E sem que se desse conta
Muito longe foi parar.
Avistou então uma torre
Resolveu ali entrar.

XX

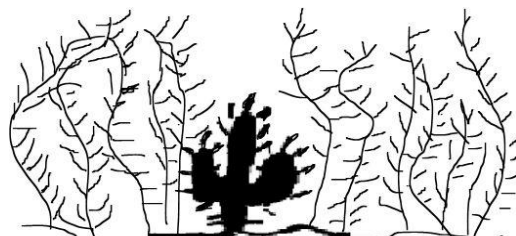
Nela estava uma senhora
Que logo lhe ofereceu
Um cesto cheio de doces
Que ela nunca conheceu
E comendo avidamente
A princesa adormeceu.

XXI

Nesse exato momento
O reino todo parou.
Animais e empregados,
Tudo enfim paralisou
E por exatos cem anos
Do reino, ninguém falou.

XXII

O jardim que era lindo
Foi coberto por espinhos
Não se via mais riachos
Nem canto de passarinhos
O mato deixou o reino
Invisível aos vizinhos.



XXIII

Mas a lenda da princesa
Se espalhou na região
Atraindo muitos príncipes
Que vieram na missão
De acordar a princesa
E receber galardão.

XXIV

Só que todos fracassavam
Num completo desespero
Pois todos os que tentavam
E escalavam os outeiros
Acabavam emaranhados
E mortos pelo espinheiro.

XXV

Foi então que um chegou
Andando nas redondezas
Pra estudar flores e plantas
Renunciou à riqueza
E assim tomou partido
Sobre a lenda da princesa.



XXVI

Ele curava doenças
De maneira natural
Tirando da natureza
O que era essencial
Fazia extratos de ervas
Frutas, flores... mineral.

XXVII

Sabendo do tal mistério
Empenhou-se em ajudar
Mesmo que ouvisse conselhos
Para não se aventurar
Pois nunca que haviam visto
Quem fosse vivo voltar.

XXVIII

Ele não se intimidou
Com aquelas opiniões
Pois era determinado
Em todas as decisões
Não era de desistir
Das suas grandes missões.



XXIX

E pensando dessa forma
Partiu pra sua empreitada
Montando no seu cavalo
Com sua maleta e espada
Que levava na cintura
Sempre a postos, bem guardada.

XXX

À medida que entrava
Outeiros iam baixando
Espinheiros se afastavam
E o caminho ia alargando
O príncipe confiante
Bem contente ia passando.

XXXI

Quando chegou ao castelo
Ficou muito espantado
Quando viu que tudo em volta
Estava petrificado
Como se aqueles cem anos
Nunca tivessem passado.

XXXII

O cozinheiro estava
Parado em frente ao fogão
E a criada na porta
Com a galinha preta na mão
Mosca presa na parede
Sem zumbido e confusão.

XXXIII

Pela sala principal
Qual não foi sua surpresa:
A orquestra toda dormia
Assim como a realeza
Que sentada na cadeira
Ostentava a riqueza.



XXXIV

Prosseguiu então o jovem
A andar pelo castelo
Buscando o real motivo
Pra desvendar o mistério
Que a cada instante o deixava
Mais ansioso e bem sério.

XXXV

Foi então que de repente
O príncipe avistou
Uma torre afastada
E para lá se encaminhou
Não podendo acreditar
No que ele encontrou.

XXXVI

Deitada em cama de vidro
Eternizada no tempo
Estava a jovem mais Bela
Que teve conhecimento
Tão linda quanto as estrelas
Que ilumina o firmamento.



XXXVII

Naquele mesmo momento
O jovem se apaixonou
Pensou em dar-lhe um remédio
Pra acordar o seu amor
Lembrou-se então da maleta
E um antídoto arranjou.

XXXVIII

Usando flores e frutos
Plantas e especiarias
Ervas e água corrente
Feitos com amor e alegria
Fez poderoso elixir
Para pôr fim à magia.

XXXIX

Acompanhado de um beijo
O remédio ofertou
E naquele mesmo instante
A princesa despertou
E olhando para o príncipe
Também se apaixonou.

XL

Com o despertar da princesa
O feitiço foi quebrado
E o fluxo do castelo
Logo foi recuperado
Assumindo um ritmo novo
Bem alegre e agitado.



XLIII

E assim acaba essa história
Da princesa adormecida
Com um final puro e belo
Pr'essa lenda merecida
Sabe-se que eles viveram
Felizes por toda a vida!

***Ilustração:** Josenilto Andrade Reis e Valmira Santos Almeida (Idealização: Márcia de Jesus Reis)



XLI

O rei mandou que a notícia
Fosse logo anunciada
Providenciou que as bodas
Tão logo fosse marcada
Convidando todo mundo
Para festejar essa data.

XLII

A festa foi grandiosa
E o cardápio genial
Alimentos bem saudáveis
Entraram no ritual
Todos foram preparados
Com um cuidado especial.

1 Discente do curso de Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB).

2 Graduada em Letras com Inglês e especialista em Estudos Literários pela Universidade de Faria de Santa (UEFS), Mestre pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras PROFLETRAS/UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares GPLPI/UNEB). Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Estadual Luiz Navarro de Brito, na cidade de Amélia Rodrigues - BA.